



Travessias

E-ISSN: 1982-5935

revista.travessias@unioeste.br

Universidade Estadual do Oeste do
Paraná
Brasil

Polidório, Valdomiro

OS MOTIVOS QUE IMPULSIONARAM IAGO

Travessias, vol. 4, núm. 2, 2010, pp. 363-369

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Cascavel, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=702078556041>

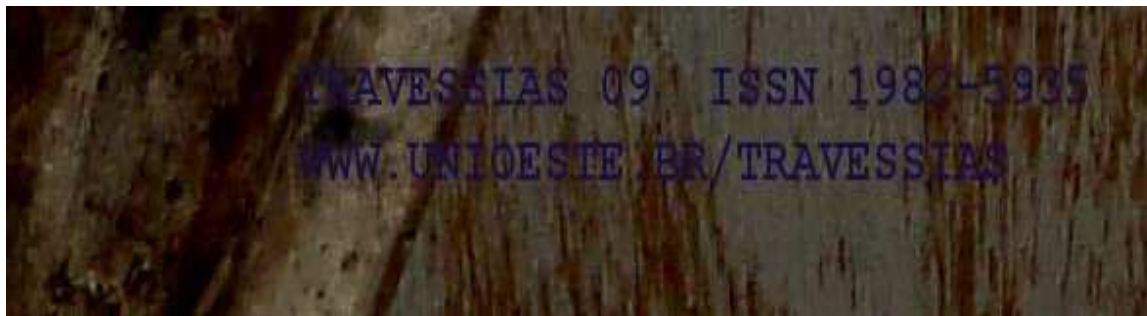
- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



OS MOTIVOS QUE IMPULSIONARAM *IAGO* THE MOTIVES THAT STIMULATED *IAGO*

Valdomiro Polidório¹

RESUMO: Neste estudo, faremos uma análise da personagem *Iago*, da tragédia *Othello*, de William Shakespeare. A análise consistirá na busca de uma compreensão sobre os motivos que levaram a personagem *Iago* a desencadear todos os fatos trágicos. O objetivo é tentar entender melhor as atitudes diabólicas da personagem. Acreditamos que o estudo sobre os motivos que impulsionaram *Iago* pode nos levar a um entendimento mais profundo desta personagem tão odiada/amada pelos leitores de William Shakespeare. Abordaremos a trajetória de *Iago*, analisando as falas que revelam seus motivos.

PALAVRAS-CHAVE: *Iago*, motivos, tragédia, desencadear.

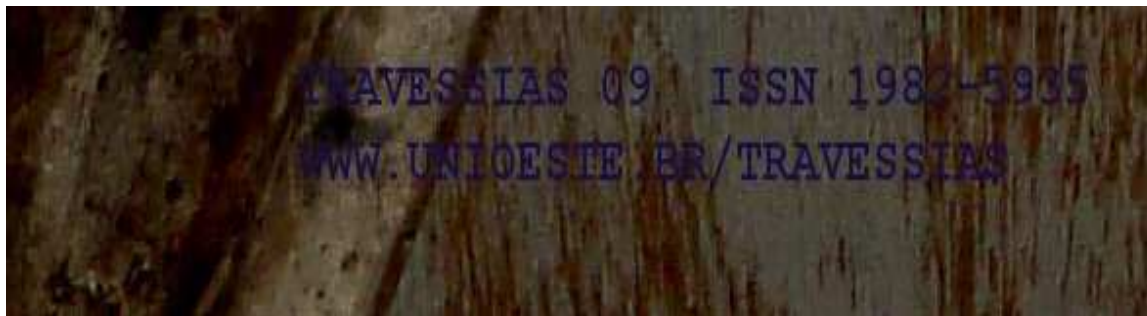
ABSTRACT: This study will analyze the character *Iago* from the tragedy *Othello* by William Shakespeare. The study will concentrate in the search of an understanding of the motives that take the character *Iago* to unleash all the tragic facts. The aim is to try to understand better the evil attitudes of the character. We believe that a better comprehension of the motives that stimulated *Iago* can take us to a deeper understanding of this character that is so loved/hated by William Shakespeare's readers. We will approach *Iago's* trajectory, analyzing his speeches that reveal his motives.

KEY WORDS: *Iago*, motives, tragedy, unleash.

1. Introdução

A personagem *Iago* tem nos intrigado por sua maldade desequilibrada e, é claro, bem construída por Shakespeare. *Iago* usa muito bem sua inteligência para fazer o mal a todos os outros personagens. É devido a isso que ele tem um poder de convencimento muito grande. Objetivando destruir as pessoas que se opõem aos seus intentos, *Iago* elabora um plano maquiavélico. O plano é muito bem arquitetado, seu projeto de destruição é muito engenhoso. Ele pensa em todos os detalhes para conseguir enredar as outras personagens, principalmente

¹ Professor Mestre de Literaturas de Língua Inglesa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – polidorio@hotmail.com



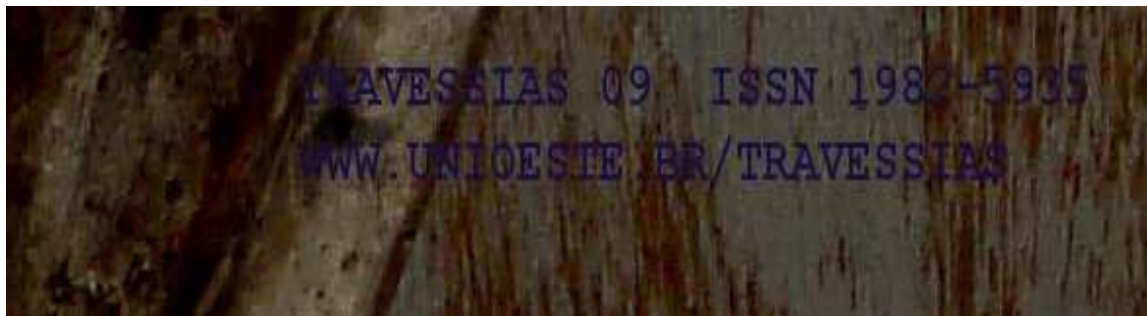
Othello. A princípio, temos *Rodrigo*, a primeira vítima de *Iago*. *Rodrigo* é uma marionete nas mãos do diabólico *Iago*, que o envolve em uma trama para primeiro ganhar dinheiro, e depois, para que ele tente matar *Cássio*. *Othello*, assim como *Cássio* e *Desdêmona*, são enganados por *Iago*. A descoberta de sua trama diabólica somente ocorre no final da tragédia. Durante toda a peça as personagens principais são vítimas da falsa amizade de *Iago*. Para analisar os motivos de *Iago*, usaremos a fortuna crítica da obra *Othello*, porém, nossa fonte principal, como não poderia ser diferente, será a própria obra e toda a genialidade de William Shakespeare ao elaborá-la.

2. Motivos que levaram *Iago* a arquitetar seu plano diabólico

Iago tem inveja da promoção de *Cássio*. Isso pode ser considerado o estopim da trama para destruir *Othello* e, conseqüentemente, as outras personagens que o cercam. O convencimento de que ele, *Iago*, mereceria a promoção é relevante para que ele se levante contra todos que, de certa maneira, o menosprezaram. Segundo HELIODORA (1998, p. 120), “[...] *Iago*, pelo mais mesquinho dos motivos – ficar com o posto de tenente – inventa a suposta intriga de *Desdêmona* com *Cássio* [...]”. Percebemos isto já no início da obra quando *Iago* diz:

IAGO — Despreza-me, se não for assim mesmo. Três pessoas de grande influência aqui vieram falar-lhe, chapéu na mão, com humildade, para que fizesse de mim o seu tenente. E por minha fé de homem, tenho plena consciência do que valho; não mereço posto menor do que esse. Ele, no entanto, consultando somente o orgulho e os próprios interesses, furtou-se com fraseado bombástico, recheado só de epítetos de guerra. Em conclusão: não entendeu aos meus intercessores. “Pois já escolhi meu oficial”, lhes disse. E quem é ele? Ora, por minha fé, um matemático, um tal Micael Cássio [...]. (Ato I, Cena I)

Já COLERIDGE (1987), diz que *Iago* não tem motivos para fazer o mal, ele simplesmente é uma pessoa má. A maldade de *Iago* pode ser analisada como a essência do mal e ele pode ser o próprio Diabo: “a personagem *Iago*, de *Otelo*, é a imagem mais diabólica de todas as que Shakespeare faz de um demônio encarnado...” (HOLDEN, 2003, p. 196). Segundo COLERIDGE (1987):



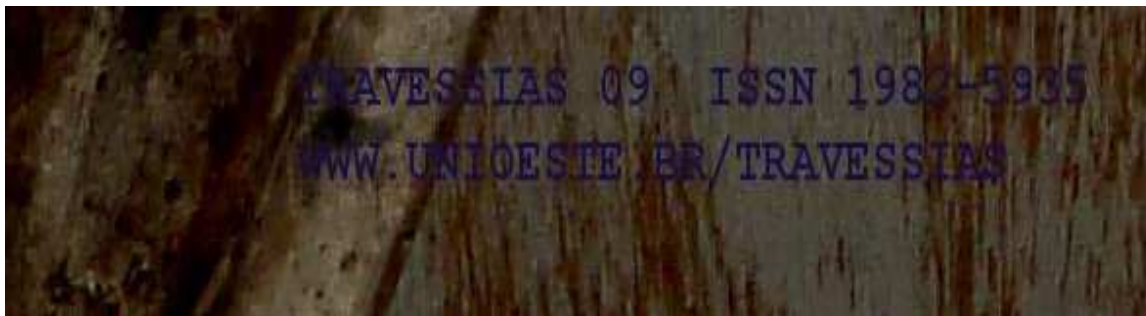
Novamente, *coloque dinheiro* depois que o efeito foi totalmente produzido. -- A última fala, a procura do motivo da maldade sem motivo -- que terrível! Diabólico em todos os sentidos -- e, contudo lhe foi permitido ostentar a imagem divina, diabólico também devido a seu próprio intento inabalável. -- Um ser próximo do Diabo -- *não* somente Diabo -- e que Shakespeare tentou construir—sem nojo, sem escândalo!-- (*Lectures 1808-1819 On Literature* 2: 315)

Iago parece criar motivos para engendrar sua trama. Há a necessidade de que ele tenha elementos à sua disposição para elaborar seus planos. É como se ele necessitasse de matéria prima para construir uma realidade virtual, uma realidade virtual que ele mesmo parece começar a acreditar durante o desenrolar da tragédia. Não seria possível a Shakespeare traçar os elementos que compõem a personalidade de *Iago* se ele não o envolvesse em um contexto propício. Shakespeare sempre foi muito habilidoso em arquitetar suas obras. Cada fala é como se fosse um tijolo em uma parede que deve ser sólida o bastante para suportar todo o peso de personagens cheias de vida, de amor, de ódio, enfim, de todos os sentimentos que compõem a natureza humana da qual ele, William Shakespeare, conhecia muito bem. Segundo POLIDÓRIO (2009, pp. 08-09):

O conhecimento da natureza humana de Shakespeare impressiona. Ele aborda os conflitos do ser humano que sempre existiram, como ódio, amor, usurpação do poder, traição, vingança, o belo, o feio, a tirania, a angústia, a melancolia, a ambição, etc. Todas essas características compõem a nossa natureza. Resumindo Shakespeare explora o bem e o mal que existem em todos os seres humanos.

Mas será que realmente existe um motivo, ou motivos, para *Iago* agir da maneira com que age? Poderíamos recorrer a várias fontes, porém, COLERIDGE (1995) parece nos fornecer uma análise interessante sobre os motivos de *Iago*, quando diz:

[...] o personagem *Iago*, que é representado em um momento como tendo um motivo e então outro, e novamente um terceiro motivo para sua conduta, tudo como as simples ficções da sua natureza sem descanso, destemperada por um senso mordaz de sua superioridade intelectual, e perseguido pelo amor do poder externado em relação aqueles, especialmente seus superiores na prática e excelência moral. Contudo quantos entre os nossos críticos modernos atribuíram ao autor inescrutável isto, a relevante inconsistência da personagem! (*Shorter Works and Fragments* 1: 310)



A partir da citação anterior, podemos ter uma idéia clara de como *Iago* tem uma “natureza que não descansa” e que cria “ficções”. Isso significa que *Iago* não tem motivos para fazer o mal as outras personagens. Ele cria uma realidade paralela para servir aos seus intentos maquiavélicos.

Um exemplo de como *Iago* parece criar uma realidade paralela, é a desconfiança de que *Othello* cumpriu com seu dever de marido. Mesmo não tendo certeza de que isso realmente aconteceu, *Iago* se utiliza desta “verdade” para impulsionar seu ódio em relação a *Othello*:

IAGO — Odeio o Mouro. Há quem murmure que ele o meu trabalho já fez em meus lençóis. Se é certo, ignoro-o. Pelo sim, pelo não, agir pretendo como se assim, realmente, houvesse sido. (*Sai.*) (Ato I, Cena III)

Outro elemento que é relevante para que *Iago* alimente seu ódio, diz respeito à questão racial. De acordo com HONAN (2001), “...seu ódio ruminante é sintetizado em ofensas raciais. A pele escura do mouro se transforma num ponto de referência para tudo o que é dito a seu respeito.” (pp. 382-3). Percebemos isso neste extrato da tragédia:

Iago – Agora mesmo, neste momento, neste momento mesmo, um velho bode negrão está cobrindo vossa ovelha branca. (Ato I, Cena I, p. 334)

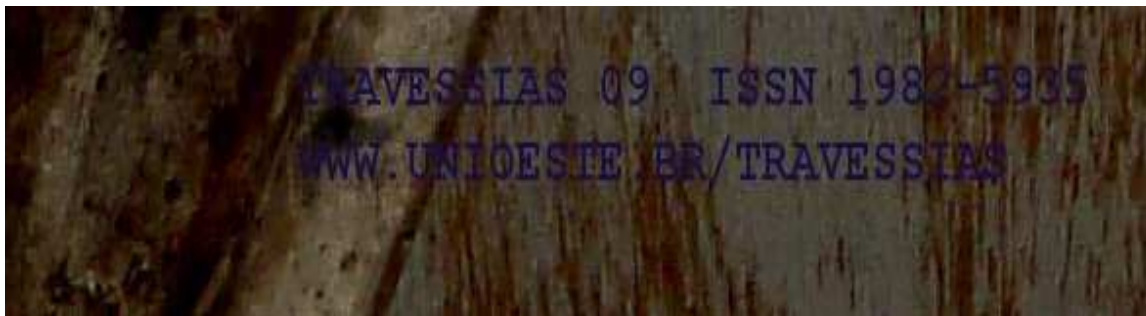
Iago aproveita todas as oportunidades para, de certa forma, convencer a si mesmo de que realmente existe uma relação amorosa entre *Cássio* e *Desdêmona*. Parece que ele tem que se convencer primeiro para depois convencer realmente *Othello* da traição de *Desdêmona*. Para *Iago*, o mais natural dos momentos é o momento propício para alimentar sua mente doentia:

IAGO (*à parte*) — Ele a segura pela mão. Muito bem! Cochicha-lhe aos ouvidos. Com uma teiazinha tão pequena assim, pretendo pegar uma mosca do tamanho de Cássio. Sim, dirige-lhe sorrisos; mais um pouco, e eu te amarrarei com tuas próprias cortesias. Tendes razão: é assim mesmo. (Ato II, Cena I)

Othello acredita, piamente, que *Iago* é uma pessoa boa e honesta. Essa é outra característica importante da tragédia para que *Othello* venha a acreditar nas intrigas de *Iago*. *Othello* se refere a *Iago* como sendo “bom” e “honesto”:

OTELLO — [...] Por obséquio, bom Iago, vai ao porto, desembarca meus cofres e conduze ao forte o comandante. É um homem digno; seus méritos impõem só respeito. Desdêmona, subamos. Novamente: és mui bem-vinda a Chipre. (Ato II, Cena I)

OTELLO — Iago é pessoa honesta. (Ato II, Cena III)



Iago aproveita todas as oportunidades para ir plantando a semente do ciúme em *Othello*. Mesmo as cenas mais inocentes são muito bem usadas por ele para ir construindo a rede que envolverá *Othello* de uma maneira magistral:

IAGO — Isso não me agrada!
 OTELO — Como disseste?
 IAGO — Nada, meu senhor; ou, talvez... Já não sei.
 OTELO — Não era Cássio que estava a conversar com minha esposa?
 IAGO — Cássio, senhor? Acreditar não posso que ele como culpado se esgueirasse, quando vos viu chegar. (Ato II, Cena III)

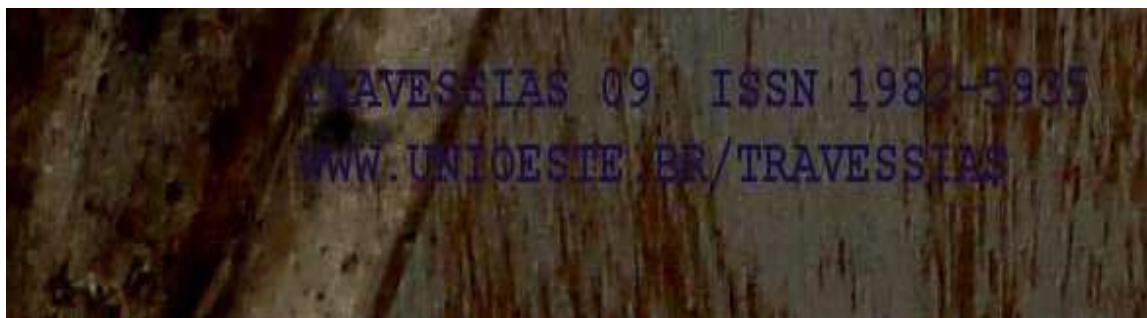
Othello acredita cegamente em *Iago*. Mesmo depois de *Iago* ter insinuado que *Desdêmona* o estava traindo com *Cássio*, ele o considera um homem honesto. O complexo de inferioridade de *Othello* é mais um elemento importante na composição da tragédia e no fornecimento da matéria prima para *Iago* ir tecendo sua teia malévola. Talvez, *Iago* não obtivesse tanto sucesso na elaboração de sua trama diabólica, se *Othello* não sofresse do mal do complexo de inferioridade. É provável que este pensamento se insinuasse constantemente a ele, como *Desdêmona*, uma donzela branca e culta poderia amar um negro mais velho e rude?

OTELLO — Esse rapaz é a própria honestidade; de espírito experiente, os móveis todos discernir sabe das ações humanas: Se ela se revelar falcão rebelde, ainda que seus atilhos fossem fibras do próprio coração que aqui me bate, assobiarei, soltando-a, para que alce vôo a favor do vento e faça presas como a sorte o ensejar. Porque sou negro e de fala melíflua não disponho qual petimetre, ou porque já me encontro no declive da idade — mas não tanto — ela se foi, havendo-me enganado. (Ato II, Cena III)

Iago pode não ter motivos, porém, usa muito bem as fraquezas, como essa de *Othello*, e é justamente aí que aparece a genialidade de Shakespeare. O enredo da peça pode parecer simples, porém, a construção de toda a trama concentrada na minuciosa elaboração da personagem *Iago*, transforma a peça em uma obra de análises inexauríveis.

Considerações Finais

Analisar uma tragédia como *Othello*, requer muito cuidado, pois não podemos menosprezar a construção cuidadosa da personagem *Iago*. William Shakespeare parece ter

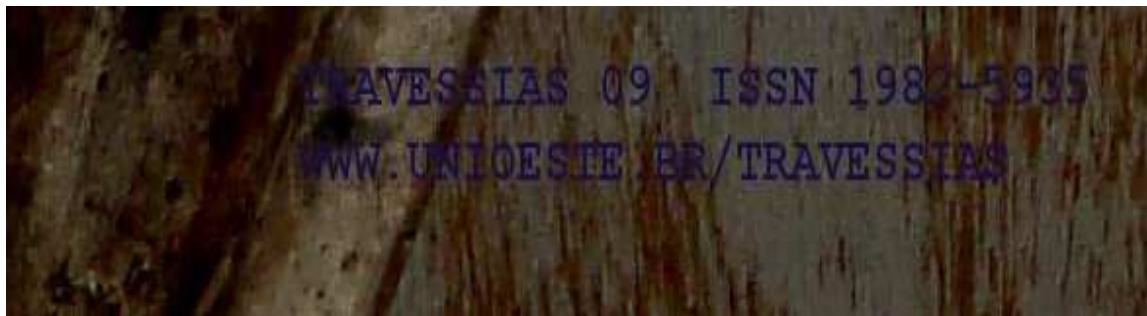


montado, cautelosamente, as falas da personagem para que elas nos envolvessem, e para que nós nos revoltássemos veementemente com as atitudes do vilão. Devido a isso, é necessário sempre explorar elementos que possam sustentar nossas análises. Esses elementos referem-se às atitudes das personagens durante o decorrer da tragédia. Sabemos que em uma peça de teatro shakespeariana são as personagens que nos dão todas as informações sobre suas personalidades. A personagem *Iago*, como *Hamlet*, tem solilóquios importantíssimos, os quais devem ser analisados com muito cuidado, pois revelam os pensamentos mais profundos das personagens. Esses pensamentos permitem ao leitor e ao crítico literário obter informações necessárias para uma maior compreensão das obras. No caso de *Iago*, podemos perceber como ele descortina seus desejos mais sombrios, seu ódio em relação a *Othello* e seu plano diabólico. *Iago*, apesar de ser uma personagem construída com elementos provindos de todo mal que pode existir, pode ser considerada uma personagem genial, que desperta em nós toda a revolta contra as injustiças que uma pessoa maquiavélica pode cometer e, conseqüentemente, nos faz passar pelo efeito catártico, tão falado quando abordamos uma obra literária. BLOOM (2001, p. 18) refere-se à vilania de *Iago* como “um prazer em si mesma”. Este prazer que a personagem experimenta e a revolta que nós leitores temos em relação às suas atitudes compõem uma das personagens mais intrigantes de toda a literatura universal. Esperamos que com este artigo possamos ter fornecido mais uma fonte importante de consulta para as pessoas que têm interesse em enveredar pelo mesmo caminho de análise.

Referências

BLOOM, H. **O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo**. [Tradução Marco Santarrita]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

COLDERIDGE, Samuel Taylor. **Lectures 1808-1819 On Literature**. Ed. R. A. Foakes. Volume 2. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1987. (*Lectures 1808-1819 On Literature* is Number 5 in *The Collected Works of Samuel Taylor Coleridge*. Ed. Kathleen Coburn. 13 numbers to date. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1969--.)



COLDERIDGE, Samuel Taylor. **Shorter Works and Fragments**. Ed. H. J. Jackson and J. R. de J. Jackson. Volume 1. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1995. (*Shorter Works and Fragments* is Number 11 in *The Collected Works of Samuel Taylor Coleridge*. Ed. Kathleen Coburn. 13 numbers to date. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1969--.)

HELIODORA, Barbara. **Falando de Shakespeare**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

HOLDEN, Anthony. **William Shakespeare**. [Tradução de Beatriz Horta]. São Paulo: Ediouro, 2003.

HONAN, Park. **Shakespeare: uma vida**; tradução Sonia Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POLIDÓRIO, Valdomiro. **A representação da natureza humana em Hamlet de William Shakespeare**. Revista Travessias, Vol. 03, No. 02. Cascavel – PR.: Edunioeste, 2009.

SHAKESPEARE, William. **Romeu e Julieta; Macbeth; Hamlet, príncipe da Dinamarca; Otelo, o Mouro de Veneza**. [Traduções de F Carlos de Almeida Cunha Medeiros e Oscar Mendes.] São Paulo: Abril Cultural, 1981.